

NOVOS ARRANJOS FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE FRENTE AO TEXTO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE SOBRE O DISCURSO EM “DEFESA” DA FAMÍLIA

Fernanda Chiozzini Martins-Suarez¹

Rita de Cássia Pereira Farias²

RESUMO

Vivemos em uma época cuja definição de família diverge entre muitos autores. Um ponto de convergência entre eles, entretanto, é que a formação dos novos arranjos familiares se ambienta em um momento em que a busca pela felicidade e individualização ganha espaço. Além disso, é indubitável que foram razões socioeconômicas que resultaram na necessidade destes novos arranjos e que tais mudanças vão de encontro aos valores tradicionais, principalmente aqueles de cunho religioso. Assim, o presente artigo propõe uma análise da alocação proferida por um pastor evangélico no Congresso Nacional, a fim de investigar as contradições do discurso religioso trazido para dentro de um ambiente político onde as premissas consideradas deveriam ser laicas.

Palavras-chave: Arranjos familiares. Religião. Papéis sociais.

1 Mestranda no departamento de economia doméstica - Universidade Federal de Viçosa - UFV.

2 Professora do departamento de economia doméstica – Universidade Federal de Viçosa - UFV.

1 INTRODUÇÃO

“A família de hoje não é mais nem menos perfeita do que aquela de ontem: ela é outra, porque as circunstâncias são outras”

Émile Durkheim

Discorrer sobre famílias, enquanto categoria analítica, não é uma tarefa fácil, uma vez que, na sociedade ocidental contemporânea, novos arranjos familiares estão em constante processo de formação. Frente a este fato, as opiniões e discursos divergem, muitas vezes reforçados por fatores tradicionais que não se encaixam no contexto contemporâneo, considerado por alguns autores como pós-modernidade³.

Os novos arranjos familiares podem ser resultantes de eventos históricos moldados em diferentes circunstâncias e que culminaram em mudanças sociais e econômicas. Dentre estes fatores, destacam-se as duas grandes guerras mundiais e a revolução industrial, além das influências do feminismo e da inserção das mulheres no mercado de trabalho, acarretando em uma reorganização das relações de poder dentro da família (ARAÚJO, 2011). As mudanças podem, ainda, ser decorrentes do individualismo advindo da busca pela satisfação das vontades e desejos individuais, em detrimento dos projetos coletivos.

A perspectiva do individualismo é reforçada pela crescente busca pela realização pessoal no que tange às escolhas afetivas dos membros da família. François de Singly (2007), ao tomar como referência a concepção durkheimniana do individualismo relacional,

3 A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, à realização individual, ao amor próprio. O âmbito social não é mais um prolongamento do privado. (LIPOVETSKY, 2004).

destaca que, desde o século XIX, Durkheim já havia pontuado que a individualidade alcançada por cada membro da família representa a libertação de seu grupo doméstico. Por este ser um espaço de divergências, a personalidade individual vai se acentuando e se desenvolvendo e “[...] cada um constrói uma fisionomia própria, uma maneira pessoal de sentir e pensar [...]” (SINGLY, 2007, p.35). Atrelado a isso, está o abandono das ideologias dominantes baseadas no patriarcalismo e a crescente busca da humanização e respeito à dignidade da pessoa, reconhecendo as relações entre sentimento e pensamento dentro do coletivo (MALUF, 2010).

São muitas as inconsonâncias quando o assunto é o momento histórico e social em que vivemos. O termo “pós-modernidade”, adotado no presente artigo, alternado com contemporaneidade, é utilizado por Bauman (1998) quando sustenta o que ele denomina de modernidade líquida⁴. Giddens (1990), por outro lado, argumenta que, por não ter havido um evento significativo marcando as ideias do iluminismo misturadas com as do capitalismo, o termo “pós-modernidade” ainda é muito controverso.

Independentemente do termo que se defenda, o corrente momento histórico propaga a busca pela felicidade e liberdade, que reverberam nas rápidas mudanças que caracterizam a vida social desde a segunda metade do século XX (MALUF, 2010).

A contemporaneidade, com base nas razões supracitadas, amplia as reivindicações das famílias pelos seus direitos, o que contribui para que elas deixem de ser definidas apenas como nucleares, mesmo que uma parcela da sociedade ainda tenha resistência em aceitar as novas composições familiares.

4 Para Bauman “[...] é uma época de liquidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. É nesta época que toda fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor de modernidade sólida, são retiradas de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade.” (SIQUEIRA, [2014?], não paginado).

Dentre as estruturas familiares crescentes, está a chamada família **monoparental**, formada apenas pelo pai ou pela mãe, o qual assume determinadas funções que normalmente seriam assumidas por ambos. Outro arranjo denomina-se família **reconstituída**, formada por pessoas que se casam pela segunda vez e unem seus filhos sob o mesmo teto, devido a razões que podem ser atribuídas a fatores econômicos e sociais. Ademais, como expressão de um processo de individualização em ascensão, há ainda as famílias **unipessoais**, representadas por aquelas pessoas que optam pela independência individual. Existem ainda as famílias **amorfas**, constituída por pessoas que não possuem vínculos sexuais (amigos, parentes). Por fim, existem ainda as famílias **homoafetivas**, constituídas por duas pessoas do mesmo sexo, mote de grandes discussões no corrente contexto social.

Em uma cultura arraigada de tradições, principalmente as religiosas, muitas pessoas não sabem como se portar perante a existência de casais homossexuais que recorrem à lei para garantir uma situação segura aos seus parceiros. De acordo com Sarti (2004, p.16):

As mudanças são particularmente difíceis, uma vez que as experiências vividas e simbolizadas na família têm como referência definições cristalizadas de família socialmente instituídas pelos dispositivos jurídicos, médicos, psicológicos, religiosos e pedagógicos, enfim, os dispositivos disciplinares existentes em nossa sociedade, que têm nos meios de comunicação um veículo fundamental, além de suas instituições específicas. Essas referências constituem os “modelos” do que é e deve ser a família, fortemente ancorados numa visão de família como uma unidade biológica constituída segundo as leis da “natureza”. A pergunta a ser formulada, então, é [...] como romper esses modelos sociais internalizados e como escutar os discursos das próprias famílias sobre si, nessa permanente tensão entre a singularidade de cada uma e as referências sociais das quais não podemos escapar?

Diante desse contexto, líderes religiosos manifestam-se contrários à união homoafetiva, mostrando-se receosos em face

das consequências que tais arranjos podem causar na organização social familiar tradicional.

Assim, este artigo trata de uma reflexão sobre a relevância desta temática nos dias atuais, tomando como elemento analítico o discurso do pastor Silas Malafaia, realizado em 20 de novembro de 2012, no Congresso Nacional, em homenagem ao dia nacional de valorização da família.⁵ Além de analisar os elementos constitutivos no discurso do pastor, refletiu-se sobre alguns fatores que contribuíram para a expansão dos novos arranjos familiares e sua repercussão social e religiosa.

Em seu discurso, Malafaia defende a família nuclear como a única forma de dar sustentação à organização social e elege um modelo de comportamento e determinação de papéis fixos do homem e da mulher dentro da relação conjugal.

Cabe salientar que o estudo apresentado não se trata de uma apologia ou de uma crítica a opiniões religiosas, mas sim de um convite à reflexão sobre a difícil compatibilização entre valores tradicionais e contemporâneos.

2 NOVOS ARRANJOS FAMILIARES: a questão da inserção da mulher no mercado de trabalho e o individualismo como premissa da contemporaneidade

Para melhor elucidação do presente artigo, foi feito um estudo da trajetória histórica da instituição familiar. Engels (1995), filósofo alemão contemporâneo de Marx e adepto da corrente do materialismo histórico⁶, em *A origem da família, da propriedade*

5 MALAFAIA, Silas. Discurso no Congresso Nacional. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9pCYIbkef5o>>. Acesso: 11 jun. 2016.

6 O materialismo histórico, como todo o historicismo, é uma teoria da mudança histórica. Embora as causas dessa mudança sejam radicalmente diferentes das filosofias da história anteriores (filosofias idealistas). (DANTAS, 2008, p.180).

privada e do Estado, discute a passagem, longa, mas linear da organização familiar desde seu embasamento na agricultura até as primeiras organizações privadas, fundamentadas pelo interesse em proteger a propriedade privada.

Por se tratar de uma sociedade patriarcal, a terra onde a família habitava era propriedade do homem, de forma que a constituição de sua família garantiria que esta propriedade privada seria passada aos seus herdeiros consanguíneos (ENGELS, 1995). Então, para que não houvesse dúvida sobre a paternidade do herdeiro, a vida sexual da mulher deveria ser extremamente regradada, enquanto ao homem era permitido maior liberdade na vida pública. Ou seja, a monogamia era esperada estritamente da mulher, não devido ao amor romântico⁷, conceito que nasce mais tarde modificando as formas de casamentos, mas pelo interesse econômico.

Diferentemente de Engels, Lévi-Strauss (1982), em *As estruturas elementares do parentesco*, considera que a monogamia e a posição da mulher como aquela que garante a legitimidade dos filhos dependem da cultura onde ela está inserida, isto é, não é resultado de desenvolvimento ou mudança da sociedade e da base na qual ela sustenta para a compreensão de família.

Contudo, a família tem passado por várias modificações e se adaptado às diversas influências sociais, culturais, psicológicas, em diferentes épocas e lugares. Após as duas guerras mundiais e a revolução industrial, a família passou por modificações mais acentuadas, permitindo a possibilidade de se constituir através da livre escolha dos cônjuges, fundamentada no amor conjugal e no afeto. O indivíduo, com seus valores e capacidades, passou a ser mais privilegiado do que sua posição social, seu gênero ou sua idade, fazendo predominar o conceito de igualdade. Entretanto, mesmo com a

7 O ideal do amor romântico irrompeu na sociedade ocidental durante a Idade Média, não é apenas uma forma de “amor”, mas é todo um conjunto psicológico — uma combinação de ideais, crenças, atitudes e expectativas.

continuidade das diferenças de gênero e tentativas de manutenção da dominação masculina, as relações tornaram-se mais igualitárias, possibilitando a reformulação das construções de gênero em torno do masculino e feminino e as atribuições de ambos na vida conjugal, proporcionando o surgimento de novos modelos de comportamento para ambos os gêneros. (HINTZ, 2001).

A segunda metade do século XX apresentou à sociedade o pensamento pós-moderno repleto de novos valores que caracterizaram as mudanças não apenas econômicas, mas também sociais; o universalismo como valor central da modernidade⁸, por exemplo, foi substituído pelo individualismo e pela aceitação da diferença.

Neste contexto, a família também sofreu transformações decorrentes, principalmente, do aumento do número de mulheres nas universidades e sua entrada maciça no mercado de trabalho, ampliando seu campo de atuação profissional e distanciando-as dos afazeres domésticos. Apesar disso, Gomes (2005) afirma que tal avanço não significou uma posição de igualdade em relação aos homens, pois a assimetria de gênero ainda é evidente, visto que muitos homens ainda se recusam a compartilhar as atividades domésticas e muitas mulheres recebem um salário menor ao realizarem o mesmo trabalho (GOMES, 2005).

Em *A Dominação Masculina*, Pierre Bourdieu (2002) analisou essas desigualdades a partir de estruturas históricas da ordem masculina, cuja máquina simbólica tende a ratificar esta dominação. Para ele, a divisão social do trabalho baseia-se na distribuição estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, deixando o espaço público reservado aos homens e o espaço privado às mulheres.

8 Com a Modernidade, surge uma nova atitude diante do mundo, pautada na racionalidade, na ruptura com as tradições, na liberdade individual. Essa fase é caracterizada por Marx pela desigualdade social, principalmente ao considerar a luta de classes como fruto da modernidade, assim Marx se mostra um crítico parcial da modernidade (DANTAS, 2008, p.182).

Todavia, Bourdieu identifica a submissão do princípio feminino na sociedade patriarcal, não desqualificando sua natureza ao afirmar categoricamente que toda e qualquer teoria ou prática está subordinada, inconscientemente, à dominação masculina. Bourdieu (2002) afirma que a partição entre os sexos parece estar na ordem das coisas, de forma natural, normal, manifesta no *habitus* dos agentes, isto é, seus esquemas de percepção e ação.

Para Sarti (2007), entretanto, a autoridade masculina é concebida como uma ordem moral onde a figura masculina representa a autoridade. Assim, para manter a dominação, ainda que o homem não exerça o papel de provedor, sua presença “desnecessária”, nas palavras da autora, continua sendo vista como necessária. Isso acontece porque a autoridade masculina não está baseada somente no provimento de recursos, mas na mediação que o homem estabelece com a sociedade como protetor da respeitabilidade da família.

Frente a isso, observa-se que a existência de novos arranjos familiares e a modificação dos papéis sociais no âmbito familiar na contemporaneidade são indubitáveis. Em vista disso, Fisher (1995) defende que o que é genuinamente novo é o predomínio de pessoas solteiras e divorciadas, além de viúvos e viúvas vivendo sozinhos. Não obstante, a configuração familiar homoafetiva, a grande polêmica enfocada neste trabalho, sofre pressões e circunstâncias, mitos e realidades específicas. Acontece, frequentemente, que não apenas a sociedade, mas a própria família do homossexual tem dificuldade em aceitar o seu parceiro, não os reconhecendo como casal.

A existência de grupos tidos como marginalizados lutando por direitos iguais na contemporaneidade reforça a intenção da busca pela individualização apresentada por Singly (2007), quando o indivíduo procura reconstruir sua identidade.

Sendo assim, os grupos buscam sua visibilidade com a intenção de serem igualmente respeitados, independentemente de suas particularidades: raça, gênero ou opção sexual. Todavia, a demanda

por direitos iguais entra em choque com a legitimação da diferença, sobretudo, ao colocar em xeque preceitos tradicionais religiosos que parecem ameaçar a integridade das pessoas.

Portanto, religião e Estado que sempre representaram duas importantes forças na sociedade, estando, ou devendo estar, em âmbitos distintos, principalmente dentro da proposta da perspectiva contemporânea ou pós-moderna, nem sempre conseguem se compatibilizar em uma proposta que atenda a interesses distintos. Quando um pastor fala ao congresso nacional demonstrando seu interesse em levar suas crenças à esfera política, há uma mistura que tira cada uma das duas razões, a religiosa e a política, pois, sendo a religião uma questão de escolha individual, não deve estar ligada às decisões políticas e, menos ainda, a elaboração de leis, uma vez que vivemos em uma democracia e que o Estado é laico.

É exatamente pelo fato de o pastor Silas Malafaia ter unido dois assuntos discrepantes e polêmicos em seu discurso sobre família que o presente objeto de estudo foi definido.

3 FAMÍLIA COMO UM DIREITO HUMANO: as famílias não nucleares, os entraves para a aceitação dos novos arranjos familiares com base na afetividade

Em 20 de novembro de 2012, o pastor pentecostal brasileiro, líder do ministério Vitória em Cristo, ligado à Assembleia de Deus, Silas Malafaia, discursou, em sessão solene no Congresso Nacional Brasileiro, em homenagem ao dia nacional da valorização da família. O discurso analisado ocorreu dentro de um local público de cunho político, entretanto repleto de palavras e ideias de âmbito totalmente religioso, colocando em contraste a tradição religiosa e a laicidade do Congresso Nacional.

Graduado em psicologia, Malafaia parece utilizar seu envolvimento religioso para aplicá-la. Malafaia tem grande popularidade enquanto líder carismático devido ao seu programa de rádio, o qual permite sua presença na mídia, cultivando novos seguidores, assim como novos inimigos potenciais. Entretanto, suas opiniões contundentes no que se refere às relações homoafetivas e suas respostas diretas a jornalistas que, porventura, contrariem sua postura em relação à igreja fazem com que ele seja reconhecido como uma pessoa polêmica.

O pastor inicia seu discurso destacando a importância da família para a formação do ser humano:

Hoje é um dia muito especial porque é impossível o ser humano se desenvolver sem família. Existe uma máxima: o ser humano é a criatura mais ignorante quando nasce, para ser a mais inteligente quando cresce; isto só é possível através das relações sociais. Se pegarmos um ser humano e isolá-lo totalmente do convívio social vai crescer um monstro, que não sabe falar, que não sabe pensar. Então as relações sociais são de importância fundamental para o desenvolvimento do ser humano. E ao falarmos as relações sociais, a família, como a célula principal da sociedade, ela é então fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Existe uma máxima na psicologia social, eu explico pra você, um termo técnico, a psicologia social ela diz que nós não somos uma ipseidade, nós somos uma identidade. O que significa isso? Que eu não sou eu mesmo em mim o tempo todo; você é fruto de relações: seu nome - não foi você que escolheu; alguém te deu o seu nome. Você estudou em algum lugar recebeu informações de outros. A sua forma de pensar está sustentada em crenças e valores que foram arraigados em você. A sua forma de pensar está na percepção do mundo que você tira através dos sentidos do corpo e que é introjetado no seu ser. A sua forma de pensar tem a ver com o que você aprende, com o que você retira do convívio social.

Ao afirmar que o ser humano é um ser social e por isso necessita das relações sociais para crescer e se desenvolver, Malafaia, de maneira acertada, afirma que esta responsabilidade é da família, principal célula para a organização social. Essa assertiva corrobora

com os argumentos de Maluf (2010, p.7) de que “[...] a constituição da família transcende uma formalidade e finca-se como núcleo sócioafetivo necessário à plena realização da personalidade de seus membros segundo os ditames da noção de dignidade da pessoa humana.”

Em vista disso, o estudo de famílias tem como base as relações sociais e não dos indivíduos separadamente, questão que Malafaia aborda em diálogo com a psicologia ao apontar a diferença entre identidade, como definida através do outro, e ipseidade⁹. Neste enredo, a ideia de Malafaia se aproxima à de Sarti (2004) quando a autora considera a família como campo para se pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto, entre mim e o outro.

Ao destacar que o meio em que o indivíduo vive modela sua forma de pensar, Malafaia se refere à cultura, propondo de alguma maneira reflexões sobre os símbolos abarcados pela linguagem com seus significados ordenados e regulados na convivência social. Sarti (2004) confirma essa assertiva, quando destaca que a família, enquanto instituição, é abordada como algo que se define por uma história que se conta através de palavras, gestos, atitudes ou silêncios a ser reproduzida e re-significada com base na realidade. A autora ainda defende que “[...] pensar a família como uma realidade que se constitui pelo discurso sobre si própria, internalizado pelos sujeitos, permite que a própria família pense na construção cultural de si mesma.” (SARTI, 2004, p.14).

Todavia, quando Silas Malafaia denomina de monstro a pessoa criada sem família, a força da expressão utilizada parece um tanto agressiva, nem mesmo os meninos lobos, abandonados na selva e criados por uma loba, embora tenham característica distintas de um ser humano criado por um humano, não chegam

9 Filosofia ética de Paul Ricoeur que defendia através da concepção de ipseidade que o homem era um ser único e insubstituível. Ipseidade se refere àquilo que caracteriza o indivíduo como ser único, singular, distinguindo-o dos demais.

a ser monstros, mas um ser que não domina a linguagem humana, a postura ereta e as práticas de socialização. Para Foucault (2010), monstro é a extrema violação da natureza, o indivíduo a ser corrigido, o anormal, seres teratológicos no domínio das práticas jurídicas e em seus intrincamentos com o corpo.

Termo muito enfático, mesmo para o pensamento pós-moderno que, apoiado em novas percepções filosóficas, permite que a família possa ser qualquer ajuntamento entre pessoas, em um contexto em que o “importante é ser feliz”, de acordo com a perspectiva do individualismo para Maluf (2010).

Malafaia prossegue seu discurso:

Então senhores, a família é de vital importância por ser, não só a primeira, mas a mais importante agência socializadora. Quem fez a família foi Deus e Deus criou normas, estabeleceu normas para o bom andar desta instituição. Ele cria normas para que o ser humano possa tirar proveito e possa crescer e se desenvolver. O que nós chamamos de família nuclear é um homem, a mulher e sua prole. Isso aqui é uma família nuclear e não se assuste com o que eu vou te falar: família é um homem, a mulher e seus filhos – o resto vira parente! Quando o camarada casa, quando a menina casa, família é ela, o marido e os filhos. O resto vira parente! Para você ter uma ideia da importância dessa família nuclear.

A família é de fato uma importante agência socializadora ao levar-se em conta sua função na formação de personalidade dos indivíduos. Com base nisso, Malafaia é feliz na sua afirmação, pois é dentro do contexto familiar que o indivíduo aprende valores, considerando que, na contemporaneidade, o papel socializador da família passa a ser mais difuso e a responsabilidade da educação dos filhos mais dividida não apenas entre os pais, mas também com os outros membros da família. (SARTI, 1997)

Entretanto, ao mencionar o criacionismo¹⁰, Malafaia entra totalmente no campo religioso, deixando de lado a ciência e o contexto político no qual está enquadrada sua fala. Em *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim (1996) justifica tal atitude referindo-se à religião como a compreensão histórica da representação da consciência da insuficiência, fragilidade e efemeridade humana e argumenta ainda que a ideia de sagrado evoca a superioridade da coletividade sobre o indivíduo.

Ao insistir que a família nuclear é o único arranjo aceito por Deus, Silas Malafaia sustenta sua fala no criacionismo, desconsiderando os eventos históricos e o pensamento contemporâneo que reforçam a necessidade de novas composições familiares. De acordo com Miotto (2000), na atual conjuntura, as formas de organização familiar se modificam continuamente a fim de sobreviverem às imposições sociais. Segundo a autora, “[...] o terreno sobre o qual a família se movimenta não é o da estabilidade, mas o do conflito, o da contradição [...]” (MIOTTO, 2000, p. 219), sendo assim, é difícil concordar que o modelo familiar seja único e imutável. O que dizer das famílias extensas que ainda sobrevivem, principalmente nas áreas mais pobres? O que dizer ainda dos idosos que porventura voltam a morar com seus filhos casados devido à necessidade de cuidados?

Ademais, o depoimento de Malafaia segue em desencontro com o artigo 3º **do Estatuto do Idoso brasileiro Lei 10741/03**¹¹ que aponta que, ao necessitar de cuidados, o idoso deve ser ampa-

10 O criacionismo é a crença religiosa de que a humanidade, a vida, a Terra e o universo são a criação de um agente sobrenatural. No entanto, o termo é mais comumente usado para se referir à rejeição, por motivação religiosa, de certos processos biológicos, particularmente a evolução.

11 Art. 3º – É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

rado na convivência familiar como um membro. Ao ser inserido na casa dos familiares, a família que recebe o idoso deixa de ser uma família nuclear.

Malafaia complementa:

A figura paterna e a figura materna são de fundamental importância para o desenvolvimento do ser! Eu cansei de ouvir na universidade, eu cansei de ouvir na faculdade as várias posturas da psicologia dizer o seguinte: que a criança tem como primeiro objeto de amor a mãe e ela faz a ruptura entre ela e a mãe a partir da figura paterna. É a partir da figura paterna que a criança faz diferenciação entre si, a mãe e o mundo. E agora querem destruir as figuras da família! A desconstrução da heteronormatividade e a desconstrução desta família nuclear e nós vamos ver o quê que vai acontecer nas gerações futuras. O desarranjo social, porque Deus, como qualquer instituição ela precisa de organização. Até a quitanda do seu Manoel, se não tiver princípio de organização, vai pro beleleu!

Ao discutir a importância da figura materna e paterna, Malafaia mistura aspectos da psicologia com a teologia, mencionando o possível desarranjo social. Aqui ele não fundamenta muito os seus argumentos, mas fala em tom de ameaça ao dizer: “nós vamos ver o quê que vai acontecer nas gerações futuras”. Entretanto, o que ele chama de desarranjo social é discutido por Goldani (1993, p. 68) como resultado das mudanças por que passa a sociedade. A autora afirma que “[...] a percepção ‘negativa’ - que associa as mudanças na família à ideia de perdas em geral - aparece reforçada pela degradação das condições de vida, pelas estatísticas recentes sobre violência, tráfico de crianças, menores abandonados, crimes passionais, bem como é estimulada pela mídia televisiva que trata de mostrar o amplo leque de estilos alternativos de vida.”

Goldani (1993) questiona a ideia de desestruturação da família confundida, no senso comum, com mudança na família, enquanto que estas mudanças, na verdade, estão associadas às alterações de modo de vida e valores familiares. Desta forma, o que

Malafaia chama de desestruturação familiar merece uma discussão mais ampla, pois, para Goldani (1993), o que vem acontecendo “são mudanças estreitamente relacionadas com as transformações nos modos de vida, valores e as condições de produção da população” (GOLDANI, 1993, p.89).

Somado a isso, quando Malafaia atrela a desconstrução da familiar nuclear à dúvida sobre as consequências das famílias no futuro, ele não considera que esta já seja uma realidade, visto que a mídia continuamente evidencia notícias sobre mães que abandonam seus filhos e pais que violentam sexualmente suas filhas. Ou seja, não são os novos arranjos familiares ou a desconstrução da heteronormatividade responsáveis por estes fatos, até mesmo porque não é preciso esperar o futuro para contabilizá-los.

A organização familiar, mencionada por Malafaia, é estudada como uma das mais importantes organizações sociais desde Engels. A primeira versão de *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* é 1884, porém, com o passar do tempo e devido às transformações pelas quais os papéis sociais de seus membros vêm passando, a família como organização social se refaz, e mudança não significa falta de organização.

A família na sociedade contemporânea sofre influência de fatores como o mercado de trabalho, possibilidades de consumo, acesso a sistema de saúde e educacional, à informação e ação da mídia entre outros. Como resultado, temos lógicas diferenciadas da articulação das relações familiares, que se expressam no significado dos vários papéis familiares. (Meira apud Oliveira, 2008, p.159)

Além disso, no final deste trecho, Malafaia utiliza termos pouco formais, como “vai pro beleleu”, que se chocam com seu interesse de construir uma análise antropológica e sociológica da família apresentado no corpo de seu texto. Ao fazer tal mistura, sua narrativa torna-se pouco científica, com credibilidade duvidosa.

Silas Malafaia fala ainda da autoridade exercida pelo homem:

Então Deus cria uma organização nesta instituição, chamada família; coloca o homem como autoridade e, de vez em quando, tem algumas feministas que se assustam quando a gente fala que a autoridade pertence ao homem e elas não sabem definir o que que significa autoridade. O princípio de Deus não é machista, é organizacional. Porque toda instituição tem que ter princípio de autoridade e aí eu quero dizer pros senhores – eu estou em uma casa de autoridades – que o princípio da autoridade da família vale para qualquer autoridade: seja política, seja no executivo, no legislativo, no judiciário, na empresa.

Aqui estão as sete funções da autoridade. Se toda mulher souber disso ela vai ficar alegríssima em saber que o homem tem o papel da autoridade porque a autoridade tem sete funções. O que é autoridade? Autoridade - aqui estão as funções: proteção, provisão, promoção, coesão – a coisa tá feia né? A coisa tá apertada pros homens né? Isso aqui são os princípios da autoridade! Coesão, liderança e visão. Isso aqui são os princípios da autoridade. O homem é autoridade para ser provedor, pra promover, pra ser protetor, pra manter coeso, pra liderar, pra dar visão à família! E a mulher, que tem uma percepção emocional fenomenal, ela traz o equilíbrio das partes. Por isso que a bíblia diz que a mulher sábia edifica a sua casa! E é incrível, é a mulher que edifica a autoridade do homem. Essa autoridade que acabei de falar a mulher pode solapar e vai tudo pro beleleu! Então a mulher, ela traz o equilíbrio das partes na construção da família.

Quando Malafaia discute o papel do pai e da mãe a partir do caráter organizacional dentro da instituição da família, a questão cultural vem à tona novamente. Nas sociedades ocidentais, cabe ao pai o papel de provedor de condições materiais, enquanto a mãe é a cuidadora e responsável pelos afazeres domésticos. Então, se esta é uma construção cultural, é possível que se encontrem outras formas de estabelecer esta organização.

Sarti (2007) afirma que, mesmo diante de tantas mudanças pelas quais a sociedade tem passado, entre as famílias pobres de São Paulo por ela estudadas, a autoridade masculina é baseada no poder e no papel do homem de mediador com o mundo externo e

a família que nega estes padrões é fragilizada socialmente por não ter em seu núcleo um homem que seja o provedor do respeito, da alimentação e da moradia. Não obstante, a autora complementa afirmando que “[...] constituir a ‘boa’ autoridade, digna da obediência que lhe corresponde, não basta ao homem pegar e botar comida dentro de casa e falar que manda. Para mandar, tem que ter caráter, moral.” (SARTI, 1994, p.47).

Apesar de descrever a autoridade como reconhecida na figura do homem, a autora de alguma forma aponta que a mulher não está impedida de exercê-la, entretanto não como um “[...] par complementar, mas hierárquico [...]. O homem é considerado o chefe da família e a mulher a chefe da casa.” (Sarti, 2007, p.28). Tal afirmação, somada ao que Malafaia chama de “percepção emocional fenomenal” da mulher, choca-se ao pensamento feminista¹² que reivindica que as mulheres não sejam tomadas simplesmente como detentoras de maior emoção, mas que sejam politizadas e atuantes no mercado de trabalho. O movimento feminista pretendia e alcançou muito mais do que Malafaia parece considerar: não se tratava de luta pela autoridade, mas pelo reconhecimento da mulher enquanto indivíduo, buscando a afirmação da identidade feminina.

Malafaia prossegue destacando que o domínio da autoridade corresponde a um fardo a ser carregado pelo homem, sendo que a mulher, por sua sorte, estaria isenta de tal responsabilidade. Entretanto, esse papel não se encontra fechado ao homem, pois existem muitas famílias que são sustentadas e conduzidas apenas pelas mães, como também há famílias em que a autoridade é exercida pela mulher ou compartilhada pelo casal. Acerca disso, Sarti (1994) afirma que “O fato do homem ser identificado como a figura da autoridade, no entanto, não significa que a mulher não a tenha [...]” (SARTI, 1994, p.47). Quantas mulheres atualmente trabalham

12 Referência aqui à segunda onda do movimento feminista na década de 70.

e participam da renda familiar talvez até mais que os maridos? A vida contemporânea propõe uma igualdade de atribuições dentro e fora de casa. Não se trata de um se sobressair em relação ao outro, mas de um respeito mútuo.

Em decorrência disso, mesmo havendo modificações na posição ocupada por estas esposas e mães, tais mudanças se apresentam de forma limitada, principalmente pelo fato de o papel da mãe estar legitimado na afetividade e do pai na provisão, como afirma Malafaia. A razão disso, para Bourdieu (2002, p.18), é que “[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação, a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la.”

Sobre os filhos, Malafaia destaca:

Queridos, três coisas que os pais deixam pros filhos. Anote. Que são fundamentais para o desenvolvimento do ser na família. São essas três as principais: exemplo, exemplo e exemplo! Não tem outra! O ser humano é como uma esponja. A criança, ela percebe a autoridade e a criança clama pela autoridade.

Eu vi aí uma deputada agora, que virou ministra, a lei da palmada. Eu queria saber aqui quem morreu por ganhar uma palmada? Quem é que morreu por ganhar uma correção? Rapaz, esses caras querem bagunçar, querem destruir a família. A família tem, é lá na família que o ser humano aprende limite. É lá na família que o ser humano aprende respeito. É lá na família que o indivíduo recebe a punição pra ele não receber a punição aqui fora. Que que tá acontecendo com essa sociedade hoje? Os pais se ausentam – isso aqui é a realidade – os pais se ausentam. Aí dão jogos eletrônicos e compram o filho, com a sua ausência, dando aparelho sofisticado de telefone, acesso à internet, certo? E tantas outras coisas, quando o filho clama é pela presença, é pela autoridade deles. E a sociedade está desarranjada porque estão destruindo a família nuclear. Essa aqui é a verdade nua e crua!

O que se espera dos agentes que se propõem a constituir uma família com filho ou não, assim como afirma Silas Malafaia, é baseado em bons modelos, bons valores para a formação de uma

pessoa digna de ser respeitada, questão que não está atrelado à sexualidade

Outro ponto é que a falta de tempo dos pais para com os filhos em nada depende do arranjo familiar; Silas Malafaia relaciona a família não nuclear com a falta de tempo para os filhos. Observa-se que, de fato, na atualidade, muitas relações entre pais e filhos estão sendo prejudicadas pela falta de tempo dos pais que têm substituído bons diálogos entre família por jogos eletrônicos. Outro fator prejudicial às relações familiares é cansaço do trabalho, principalmente das mulheres que enfrentam duplas ou triplas jornadas de trabalho dentro e fora do lar. Com isso, o tempo dispensado aos filhos é praticamente inútil em função da exaustão e da pouca disposição em brincar e conversar. Esse fato, evidentemente, não é fruto do arranjo familiar, mas sim da necessidade do trabalho construída na contemporaneidade, pois o consumo está atrelado à felicidade. Convencidos disso, os pais trabalham cada vez mais, para ter mais renda e consumir mais, além de transmitir esses valores a seus filhos.

Para dar cientificidade ao seu discurso, Malafaia sustenta os seus argumentos amparando-se em George Gilder que, segundo ele, é:

Um sociólogo francês, não é evangélico não viu gente? Chamado George Gilder, é um PhD em sociologia. Ele pesquisou mais de duas mil culturas no mundo; chegou à conclusão que apenas 55 eram unissexuais, não havia papel definido de macho e fêmea. Essas culturas rapidamente se destruíram. Qual é a conclusão que George Gilder chega? Nenhuma sociedade é mais forte do que os laços das suas famílias – a primeira. A segunda conclusão: a fortaleza das suas famílias depende das relações heterossexuais. Nenhuma sociedade é mais forte do que os laços de suas famílias e a fortaleza de suas famílias dependem das relações heterossexuais.

Queridos, eu não estou falando de teologia, eu estou falando de sociologia, eu estou falando de antropologia! Toda história da raça humana está sustentada em um homem, uma mulher e a sua prole. Toda a história da raça humana está sustentada nisso. Querem

trocar? Querem mudar? Então vamos ver onde é que vai chegar a sociedade. Querem quebrar isso? Então vamos ver onde é que vai chegar a sociedade. Nada substitui essas figuras que são opostas e se completam – o macho e a fêmea. São opostas, mas elas se completam pra formar a unidade da família.

Parabéns, parabéns Aroldi, parabéns a João Campos, parabéns ao presidente, parabéns aos deputados. Espero que essa casa aqui, os senhores aqui, defendam a família nuclear, base de uma sociedade sadia. O resto, deem o nome que quiserem dar, digam o que quiserem dar, família é homem, mulher e sua prole! Aqui está a sustentação da história da raça humana. Não estamos falando, como disse, de um conceito teológico, estamos falando de um conceito sociológico e antropológico. E eu espero que Deus guarde e abençoe a família brasileira. E eu espero e quero ser profeta – porque qualquer lugar que eu pisar e que eu botar a planta do meu pé eu sou profeta de Deus – e eu quero deixar uma declaração aqui, profética: Em nome de Jesus, todo tipo de lei que venha destruir a família aqui nessa casa caia por terra. Deus abençoe a todos.

Ao fazer menção a George Gilder, Malafaia comete alguns equívocos. Embora ele o apresente como um sociólogo francês, a nacionalidade de Gilder é americana. Malafaia afirma que este sociólogo pesquisou composições familiares e concluiu que as poucas que não eram heterossexuais perduraram. Silas Malafaia sustenta ainda que, para Gilder, os laços familiares são mais fortes que a sociedade; sim, mas, para haver laços familiares, não precisa necessariamente existir heterossexualidade, principalmente tomando o conceito de afetividade que ajuda a definir a família contemporânea,

O papel definido dentro de uma família, como afirmam estudiosos de gênero, não é necessariamente representado pela sexualidade. É possível que uma pessoa nascida no sexo feminino se enxergue como um homem e assuma essa identidade sendo uma pessoa honesta e repleta de bons valores.

Novos aportes teóricos para essa problemática existem apoiados em conceitos utilizados por Rosi Braidotti (2004), como a formação de identificadores, conceito de identidades não fixas, assim como a desnaturalização de sexo e gênero. A autora considera

que é pelos identificadores que se definem vários tipos de mulheres e homens. Ou seja, não cabe atualmente considerar a categoria mulher como um grupo fechado sem evidenciar suas diferenças e reivindicações particulares, ainda mais em um contexto em que as mulheres trabalham fora e contribuem para o sustento da família ou outras vezes gerenciam a família sozinhas. As representações dos papéis dentro do lar devem ser condizentes com a boa educação dos filhos, mas a modificação da estrutura familiar, no decorrer da história, não pode ser negada em um estudo acadêmico.

Por fim, ao mencionar a Antropologia como base de seu discurso, Malafaia não considerou esta ciência como o estudo do homem a fim de compreendê-lo na sua diversidade cultural, maneira de pensar e agir, consciente de que essas características são reflexo da sua origem.

Por fim, antes de agradecer e parabenizar a bancada evangélica do Congresso Nacional, Silas Malafaia sugere certa ironia e chantagem ao colocar em xeque o futuro da sociedade devido às novas composições familiares. Porém, Geertz (1989), em *A interpretação das culturas*, o justifica ao afirmar que o homem não se define por padrões de comportamento simplesmente, mas pelo mecanismo de controle do comportamento. Geertz ainda afirma que o homem busca esses controles a fim de garantir certa ordem do comportamento. Comportamento demonstrado por Malafaia em todo o discurso, mas em nenhum momento de forma tão chocante quanto quando ele almeja o poder da profecia e usa o nome de Deus para coibir o congresso.

4 CONCLUSÃO

Uma investigação atual sobre famílias depende da compreensão de sua formação na contemporaneidade, pois o que se tem

são famílias com suas várias definições; e se todas essas definições são reais, um pesquisador imparcial deveria considerá-las na sua pluralidade. Para isso, é necessário que se faça um estudo interdisciplinar abordando a visão histórica, sociológica, antropológica, psicológica e do direito, além dos novos grupos de estudiosos, como: psiquiatras, terapeutas de casais e feministas.

Para uma possível definição de família na contemporaneidade, não se pode lançar mão da palavra “afetividade”, e o que se espera dos agentes que se consideram membros de uma família, com filho ou não, é seu reconhecimento como tal. Ou seja, a questão da proteção e ajuda está mais intrincada ao termo “família” do que a consanguinidade e a garantia de propriedades privada, como foi outrora.

A singularidade e a interdependência das trajetórias individuais são algumas das respostas provenientes da mudança na constituição da família. Com isso, a interpretação da família da maneira que se fazia no passado não garante uma boa compreensão do termo na atualidade, uma vez que um novo paradigma deve ser relevado, o qual propõe, além de um o enfraquecimento das fronteiras entre o público e o privado, a quebra das fronteiras entre o tradicional e o moderno.

A questão da maior necessidade da participação de outros membros da família, além do homem, no mercado de trabalho, também contribui para as crises e mudanças na família, necessidades estas que são sustentadas pelo momento econômico atual, o qual requer maior poder de consumo dentro da família, principalmente porque vivemos em uma sociedade em que a pressão para o aumento dos hábitos de consumo são crescentes.

Em vista disso, a família é o processo da soma das trajetórias da vida de seus membros. A contemporaneidade permite que os indivíduos busquem realizar seus desejos baseado em um tipo de liberdade que permite que suas ações sejam independentes aos

desejos do grupo, e, assim, a família se constitui e se molda em diferentes arranjos.

Com isso, os papéis tradicionais desempenhados por membros da família no Brasil começam a apresentar sinais de modificação. Mesmo ainda prevalecendo a autoridade patriarcal em muitas famílias, observam-se negociações entre seus membros, as quais variam de acordo com o momento e contexto social.

Assim, quando Silas Malafaia responsabiliza as mudanças familiares pelo desarranjo familiar e os novos arranjos familiares pelas desestruturações familiares, ele está fechando os olhos para as razões sociais e econômicas que fizeram com que tais mudanças ocorressem de fato.

Conforme afirma o próprio Silas Malafaia, é baseado em bons modelos e bons valores para a formação de uma pessoa digna de respeito, que o par de agentes (ou não) que se unem devem fazer valer. Entretanto, a crítica é que não obrigatoriamente é necessário que estes agentes sejam um homem e uma mulher. Uma vez que reforçar esta ideia seria atrelar a sexo do indivíduo ao seu papel de gênero, questão muito debatida pelos teóricos pós-modernos a fim de desnaturalizar esta relação.

Confrontar esta temática à religião é outro fator que instiga a investigação. Religião é um assunto delicado e, de qualquer maneira, a política para o bem do povo de uma nação deve se pautar na realidade e no interesse em solucionar problemas pertinentes à sociedade e não em escolhas individuais no que se refere à orientação sexual. Silas Malafaia é pastor pentecostal brasileiro, líder do ministério Vitória em Cristo, ligado à Assembleia de Deus e sendo assim, apresenta dentro do Congresso Nacional um discurso repleto de aportes religiosos a fim de manter certa tradicionalidade.

Perante este fato, algumas vezes ainda parece ser necessário indagar se a religião não deveria permanecer no âmbito pessoal e se não há nada mais prejudicial que seja responsável por uma pos-

sível má formação da família do que a sexualidade dos pais. Será que uma criança dentro de um lar habitado por dois homens ou duas mulheres que mantêm uma relação homoafetiva não estaria melhor do que se ela estivesse em um abrigo ou vivendo na rua em péssimas condições sem nenhuma perspectiva de futuro? Será que a criança que vive em uma família nuclear sofrendo abuso sexual ou qualquer outro tipo de maus tratos não estaria mais feliz vivendo em outro tipo de arranjo familiar?

Enquanto alguns grupos sociais ainda se encontram arraigados em valores tradicionais e religiosos, outra parte da sociedade não poupa esforços para compor novos arranjos familiares livres e felizes. De uma forma ou de outra, a relevância da busca dos bons valores é incontestável, independentemente do arranjo familiar.

**NEW FAMILIAR ARRANGEMENTS IN
THE CONTEMPORANEITY FACING
THE RELIGIOUS TEXT:
an analysis about the speech in family “defense”**

ABSTRACT

Currently, the definition of the historical moment we have been living is very controversial. However, a common point among many authors is that the new family arrangements have been established in a time where the happiness and individualization search have increased. Besides, social economic reasons have resulted in the necessity of these new arrangements and also these changes are opposite to the traditional values, mainly the religious ones. Thus, the present article proposes an analysis of a religious pastor speech in the Brazilian National Congress in order to investigate its contradictions in a political environment where the assumptions should be considered secular.

Keywords: familiar arrangements, religion, social roles.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. Paradoxos da família contemporânea. Sicol. Soc., n. 2, p. 430-437, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAIDOTTI, R. **Feminismo, diferencia sexual y subjetividade nômade**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

DANTAS, L. **Pós-modernidade e filosofia da história**, 2008. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/25.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FISHER, H. **Anatomia do amor**: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.1, p. 67-110, 1993.

GOMES, A.F. O outro no trabalho: mulher e gestão. 2005. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/313.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2015.

HINTZ, H. C.. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade a pós-modernidade. **Revista Pensando famílias**, Porto Alegre, n. 1, p.8-19, 2001.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MALUF, A. C. R. F. D. **Novas Modalidades de Família na Pós-Modernidade**. [S.l.]: Atlas, 2010.

MEIRA, M. C. R. A evolução da família e suas implicações no cuidado dos filhos. **Pleidade. São Paulo**, n. 1, p. 151-162, 2008.

MIOTO, C. R. T. Cuidados sociais dirigidos a família e segmentos sociais vulneráveis. In: _____. **Capacitação em serviço social e política social**. Brasília: UNB/ Centro de educação Aberta, 2000.

SARTI, C. A família como ordem moral. In: _____. **Cadernos de pesquisa: A família em destaque**, Campinas, n.91, p. 46-53, 1997.

_____. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, São Paulo, n. 3, p. 11-28, 2004.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

ZAMBERLAM, C. O. **Os novos paradigmas da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

BIOGRAFIA

Fernanda Chiozzini Martins-Suarez

Graduada em Ciências Sociais pels UFSCar. Mestranda em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa – UFV.